

Humor judaico

O sorriso entre lágrimas

LIANA RIBEMBOIM FELDMAN

Psicóloga e mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

RESUMO Este artigo expõe características marcantes presentes no humor judaico, com o propósito de compreendê-lo e situá-lo como uma modalidade de narrativa judaica. Para tanto, é preciso partir de um referencial teórico sólido e, entre as várias disciplinas pelas quais se poderia estudar o humor judaico, optou-se pela psicanálise freudiana. Para tratar desse tipo de humor, é necessário expor a grande quantidade de narrativas orais e piadas presentes nas comunidades judaicas. Sendo assim, teoria e cotidiano se fundem num objetivo comum – o de apreender, descrever e propagar o humor judaico.

PALAVRAS-CHAVE Humor, humor judaico, piada, chiste, psicanálise.

ABSTRACT This article exposes salient features present in Jewish humor, in order to understand it and place it as a form of Jewish narrative. It is necessary to start with a solid theoretical reference and, among various disciplines which could approach the study of Jewish humor, Freudian psychoanalysis was the chosen one. To deal with this kind of humor, it is necessary to expose a lot of oral narratives and jokes found in Jewish communities. Thus, theory and everyday life melt in a common goal – to understand, describe and disseminate Jewish humor.

KEYWORDS Humor, Jewish humor, joke, wit, psychoanalysis.

Humor e humor judaico

“O humor do sorriso entre lágrimas” ou

“O prazer humorístico derivado de simpatia”

Freud, 1976, p.261.

UMA PERGUNTA MOVE O INÍCIO E O DESENVOLVIMENTO DESTA ARTIGO¹: O QUE REALMENTE qualifica uma narrativa como humor judaico? Mas para discorrer sobre o humor judaico é preciso antes falar do humor de modo geral. Cada disciplina estuda o humor de acordo com as suas bases teóricas, e assim é possível se deparar com uma grande variedade de conceitos – o humor pode ser lido à luz da literatura, filosofia, antropologia, medicina, entre outros âmbitos. Aqui, interessa o humor interpretado pela psicanálise, que remete ao inconsciente e à cultura.

O humor visto pela psicanálise exibe uma necessidade humana de sentir prazer e de se inserir num laço social, uma vez que, invariavelmente, o homem é atravessado pela cultura em que habita. Não importa o quanto recluso ou pouco sociável seja o sujeito, ele sempre será parte do seu meio e estabelecerá uma relação de troca com os demais. Embora não seja possível abordar, neste artigo, grandes temas da antropologia e seus autores, é notória

a relevância que a experiência cultural imprime no humor. O humor, de qualquer tipo, só existe em articulação com um meio social e seus sujeitos. É preciso estar inserido numa cultura para apreender suas narrativas humorísticas. Caso contrário, corre-se o risco de falar ou ouvir algo incompreensível, o que muitas vezes acontece quando se trata do humor judaico.

O humor não se funda somente na validação social da narrativa, ele vai mais além, pois possui uma função social. Através do humor, é possível falar mal de alguém sem que haja punições – a agressividade passa a ter um tom mais leve e risível, embora a intenção de agredir continue a mesma. Sendo assim, o narrador-agressor conclui o seu propósito de difamar, humilhar e rejeitar, sem que isso o leve às sanções sociais da legislação vigente, e sem atuar fisicamente. O humor ultrapassa o uso do corpo e atua especialmente na linguagem.

Para exemplificar a agressividade contida nas narrativas humorísticas, basta lembrar as piadas que os brasileiros fazem constantemente com os portugueses. Por que os brasileiros insistem em ridicularizá-los? Certamente porque os portugueses foram os colonizadores do Brasil ou porque representam o país de língua portuguesa na Europa, e os brasileiros jamais terão o status de europeus. De alguma forma, existe a necessidade coletiva de agredir os portugueses, e a forma mais usual é por meio da piada, pois esse tipo de narrativa permite que o sujeito realize uma transgressão bastante sutil sem que haja implicações legais.

Cada localidade tem o seu modo específico de fazer piadas. A formatação do humor pode mudar completamente de acordo com o país e o modo de vida que ele tem. O *timing* se difere, e seu conteúdo mais ainda, especialmente se os temas das narrativas são ligados a questões políticas ou de cunho institucional e social, entre outros. O conteúdo humo-

ristico é variável mesmo dentro de um país, pois as regiões são demarcadas por sua constituição peculiar e as rixas com outras localidades tendem a aparecer nas narrativas. Como exemplo, tem-se as piadas contadas no sul e sudeste do Brasil sobre os nordestinos, vistos como subdesenvolvidos e especialmente preguiçosos. Ou ainda as piadas contadas nas capitais nordestinas, sobre o também nordestino, mas este pertencente à zona rural e tido como inferior no âmbito social. Assim, quem narra algo contra os nordestinos em tom de humor de alguma forma tenta marcar a diferença existente entre um polo e outro, e mesmo que o narrador também seja nordestino, certamente ele não se identifica em nada com as hostilidades proferidas.

O mesmo acontece com o humor judaico. Nesse tipo de humor também há um distanciamento do seu conteúdo, de modo a fazer uma separação por meio de uma barreira simbólica executada pela narrativa. Porém, cabe aí uma questão: por que essa barreira é feita, já que o humor judaico é contado de judeus para judeus? Esse é um ponto de grande importância neste trabalho, pois parece ser um impasse.

O humor judaico se diferencia dos outros tipos de humor justamente pelo seu direcionamento autocrítico, que é a maior característica averiguada. Não importa ao humor judaico fazer piadas que possam macular a imagem do colonizador português, mesmo que a narrativa seja feita por um judeu brasileiro. Aqui, não importam as piadas sobre loiras e nem sobre papagaios pornográficos, pois o que está em evidência é o conteúdo judaico das histórias narradas. De judeu para judeu, as particularidades da cultura são vistas nesse humor, e mesmo que as narrativas tenham um conteúdo agressivo, ainda assim dizem respeito aos acontecimentos vivenciados pelo povo judeu.

O humor judaico constrói um distanciamento daquilo que não é bom para o judeu, mas está in-

corporado à cultura e à religião judaicas. É uma tentativa de nomeação do que não satisfaz: o judeu tem a chance de se separar de sua cultura e demonstrar seu desagrado sobre alguns temas que o cercam, sem que haja uma punição por isso. Essa separação dura apenas o momento da narrativa e do prazer gerado por ela – não condiciona a crítica a uma ruptura do judeu com o seu povo.

Essa questão pode ser esclarecida com alguns exemplos, começando pela famosa figura quase mítica que é a *íídiche mame* (mãe judia): ela se compara com a *mamma* italiana, porém ainda mais possessiva e dramática. A *íídiche mame* está presente no imaginário de todo o povo judeu, incluindo homens, mulheres e crianças, pois todos já tiveram ou terão uma *íídiche mame* em casa – e parece óbvio esperar por essa representação feminina na constituição familiar. Além do mais, toda mocinha é sutilmente preparada desde os primeiros anos para encarnar essa carga de sentimentos e poder exercida pela mãe judia, e algo precisa ser feito contra isso. Se não houver uma barreira contra as cargas afetivas desse tipo de mãe, a tendência é que ela se torne uma mulher altamente sufocante. Aqui, fala-se de uma imagem, de uma lenda ou personagem folclórico incorporado pela mãe. Neste artigo não se pretende apontar quem sufoca ou quem neurotiza, mas sim construir um conceito de mãe próprio do anedotário judaico – é aquela que infla seus filhos e maridos com demandas afetivas demasiadas.

Então, mesmo a *íídiche mamme* sendo parte da cultura judaica, é preciso falar mal dela. Embora sabendo que a mãe judia é a responsável por passar a alma judaica e a espiritualidade à família, e mesmo conhecendo o mandamento que proíbe desrespeitar pai e mãe, é necessário agredir de alguma forma. Caso não se faça esse distanciamento por meio da hostilidade da piada ou por qualquer outro método, a sensação de estar possuído pela exigência alheia

tende a consumir a identidade judaica, como se ser judeu fosse somente ter uma mãe ensandecida. Assim, muitos recorrem à análise, alguns viram analistas, outros vão à religião, e a grande maioria, às piadas. E ainda que se fale mal da mãe pela via lícita das narrativas humorísticas, que até subvertem sutilmente o mandamento citado, vê-se que os membros da comunidade judaica se orgulham das características dela e, acaso tivessem uma *íídiche mame* diferente, se é que isso é possível, seriam como um estranho no ninho. Ou seja, ainda que essas características sejam vistas como defeito, é algo completamente inserido no imaginário judaico e não se pretende excluir, somente afastar um pouco. Ressalta-se também que a nomeação *íídiche mame* é genérica, pois serve da mesma forma para as mães judias de origem *sefaradi*. Não importa se o dialeto íídiche é *ashkenazi*. O que está em questão é a mãe judia, seja ela de que grupo for. Para ilustrar, seguem quatro narrativas sobre a *íídiche mame*, vistas na *Enciclopédia do Humor Judaico*:

Arthur Rubinstein telefona para a mãe e conta que vai se casar, e ela responde:

– Está bem, Arthur, é bom ouvir isso. Mas você já fez seus exercícios de piano hoje?

Um médico estava com a mãe em Coney Island e foi tomar banho não muito tempo depois de comer. Ele começou a se afogar devido às câibras.

A mãe, vendo tudo, começou a gritar por socorro:

– Alguém ajude! Socorro! Meu filho, um rapaz tão simpático, bonito e educado, formado em primeiro lugar na faculdade de medicina, grande especialista e médico com consultório na Park Avenue, 1389, quarto andar conjunto 402, está se afogando!

– Mamãe, posso ir ver o eclipse?

– Está bem, querido, mas não chegue muito perto.

A aeromoça da El Al estava falando ao microfone:

– Boa noite, senhoras e senhores. Estamos sobrevoadando a sete mil metros de altitude com destino a Nova York e devemos chegar dentro do horário previsto. A serviço desta aeronave encontram-se a Sra. Goldie Kaplan e a Sra. Sadie Kaminski e, naturalmente, meu filho, o piloto (SPALDING, 2001, p.280-281).

Além de toda essa admiração da mãe pelo filho judeu expressa nas piadas acima, ainda existe a questão das mulheres judias e seus maridos. No anedotário judaico, vê-se frequentemente uma relação de poder versus subordinação da mulher para com o homem. Seguem abaixo mais dois exemplos, sem referência bibliográfica, que ilustram a relação entre a esposa judia e o seu marido:

Um garoto judeu estava contando a sua mãe como ele conseguiu um papel em uma peça de teatro da escola. Sua mãe perguntou:

– Qual o seu papel na peça, Moishele?

– Eu farei o papel de um marido judeu, respondeu.

Sua mãe imediatamente ordenou:

– Vá agora mesmo falar com a professora e diga-lhe que você quer um papel com FALA!

O Senhor Bronstein, do departamento de pessoal, justifica para um jovem por que a empresa não vai contratá-lo.

– Desculpe, mas a nossa firma só trabalha com homens casados.

– Por quê? Por acaso são mais inteligentes e competentes que os solteiros?

– Não. Mas estão mais acostumados a obedecer.

Abordar a fundo essa situação expressa nos exem-

plos acima seria algo extenso para os propósitos deste trabalho, mas pode-se supor que a exaltação da mulher e suas funções na religião judaica fazem com que esse poder seja tão amplamente exercido. No judaísmo, a mulher é altamente espiritualizada e tem uma função mais que nobre, fundamental ao povo judeu: passar a alma judaica pelo ventre judaico e, assim, dar continuidade à religião. Além disso, é ela quem cuida da espiritualidade do lar, sem precisar se preocupar com as demandas materiais e mundanas, pois isso é o homem quem deve prover. Outro ponto a ser observado é que a mulher judia tem menos necessidade de rezar do que o homem – ela é muito mais pura e o trabalho com a família lhe exige demais.

As mulheres têm menos obrigações porque são conectadas de maneira diferente dos homens; possuem um progresso espiritual embutido. Os homens precisam usar kipá sobre a cabeça para lembrarem que D'us está acima deles. As mulheres não, porque elas têm a presença de D'us já incorporada em seu projeto espiritual. Devido à sua elevada sensibilidade, as mulheres, e não os homens, são ideais para ensinar, nutrir, criar e educar os filhos (CHABAD, 2009b, documento eletrônico).

Dessa forma, com base nas leis e interpretações do judaísmo, ser mulher é algo muito importante e trabalhoso, já que a vida judia e a propagação do judaísmo dependem de seu ventre, assim como da educação religiosa que ela passará às gerações posteriores. Embora isso seja apenas uma suposição, talvez em função dessas regalias espirituais, digamos assim, a mulher judia – que um dia poderá vir a ser uma mãe judia – tem tanto poder, e este é tão aceito e validado por todos. Trata-se de um poder dado por D'us² a ela. Sendo assim tão divi-

no, quem ousaria intervir?

No decorrer da História judaica, em especial no período bíblico, encontramos a mulher judia como aquela que manteve a chama judaica dentro do povo. Ainda no Egito, as mulheres iam ao encontro de seus maridos escravizados para encorajá-los a construir uma família, e educavam seus filhos com todas as dificuldades e perseguições, dentro das mais puras tradições. Segundo nossos sábios, por mérito das mulheres judias nosso povo foi redimido do Egito. Assim será também pelo mérito delas que seremos redimidos do exílio atual, por intermédio de *Mashiach* (Messias). Ao ordenar a Moshê que transmitisse a Torá ao povo judeu, D'us lhe pediu que antes dissesse às mulheres e só depois aos homens, pois elas aceitariam mais facilmente e ainda ajudariam a convencer os homens. Quarenta dias após receber a Torá, o povo cometeu o pecado do Bezerro de Ouro, sem a participação das mulheres. Quando os espiões voltaram da Terra Santa, desencorajando os judeus a entrar nela, os homens choraram, implorando para voltar para o Egito; mas as mulheres mantiveram sua fé em D'us e pediram para ter uma parte nesta Terra. E assim encontramos vários episódios em que as mulheres sempre demonstraram, naturalmente, ter mais fé do que os homens. Este é um dos motivos pelo qual os homens receberam mais *mitsvot* (preceitos a cumprir) do que as mulheres; para que sirvam de lembrete de sua fé em D'us, conforme escreveu Maimônides em seu livro de leis. Este também é o simbolismo da kipá, solidéu – constantemente a lembrar que existe Alguém acima de nossa cabeça. A mulher não precisa deste lembrete (CHABAD, 2009a, documento eletrônico).

As piadas sobre as *íidiche mames* dominam os

livros e coletâneas de humor judaico, mas não representam a sua totalidade. Outros personagens folclóricos, e obviamente menos importantes, também aparecem com muita frequência. Fala-se sobre os mendigos, os casamenteiros, os loucos e os ícones político-partidários que interessam ao judaísmo – os seus algozes. Fazer piadas hostis com um *shadchen* (casamenteiro) pode parecer covardia, pois a figura folclórica que este personagem representa é simplória, sem grandes atributos intelectuais, bem como empobrecida financeiramente. Para justificar uma agressão direcionada a esse grupo, Freud menciona a necessidade de se realizar uma crítica velada para com a cultura em questão, a judaica, da mesma forma que se faz com a *íidiche mame*. “Não será antes o caso de que os chistes³ só trazem ao primeiro plano os agentes matrimoniais para ferir algo mais importante? Não será o caso de dizer uma coisa e significar outra?” (FREUD, 1976, p.125).

Essas questões levantadas por Freud remetem a uma espécie de dito proibido expresso no humor judaico. Um judeu fala sobre as caricaturas e hábitos da religião de modo risível, mas o seu objetivo inconsciente é a agressão, que só pode ser feita sem consequências por meio do humor. Dizer abertamente que não concorda com algo do seu próprio grupo é mais difícil do que rir dele, o que inclui a si mesmo. Sendo assim, criticar através da narrativa humorística é um alívio, pois essa alternativa é prazerosa e não compromete a posição social e comunitária do narrador, neste caso, também judeu. Vale ressaltar que esse mecanismo de sentir prazer com a agressão é bastante presente nos chistes, tem origem inconsciente e pode ser realizado por qualquer pessoa, judia ou não. Para complementar, Freud entende o sujeito das piadas como uma pessoa-coletiva, que representa um grupo. Segue sua observação sobre pessoas e instituições presentes no humor judaico:

Nos exemplos até agora considerados, a agressividade disfarçada dirigia-se contra *peessoas* – nos chistes do agente, contra alguém envolvido no negócio de arranjar casamento: o noivo, a noiva e seus pais. Mas o objeto de ataque pelo chiste pode ser igualmente instituições, pessoas enquanto representantes de instituições, dogmas morais ou religiosos, concepções de vida que desfrutam de tanto respeito que só sofrem objeções sob a máscara do chiste e, mesmo, de um chiste ocultado por sua fachada (FREUD, 1976, p.129).

Além do posicionamento autocrítico, o humor judaico também exhibe narrativas direcionadas ao algoz, feitas especialmente para ofendê-lo. Nesse caso, a autocrítica não está mais explícita, ao contrário, quando a narrativa tem esse direcionamento externo não se trata de autocrítica, e sim de crítica aberta a outros. Talvez este seja o momento em que o humor judaico mais se aproxima das variadas formas de humor, pois apesar de o direcionamento ao algoz promover uma reflexão bem-vinda ao povo judeu, ainda assim é uma agressão àquele que em algum momento foi sádico ou simplesmente fez mal ao povo, de modo geral. O anedotário judaico não fala de uma pessoa que maltratou uma família em especial, e sim toma o povo como um todo, como se todos tivessem sofrido aquilo que a maioria sofreu.

Para ilustrar essa característica do humor judaico, há várias piadas sobre o nazismo e outras perseguições político-religiosas. São narrativas tristes, que infelizmente não geram risos, a menos que seja um riso de prazer por de alguma forma atacar as formações, institucionais ou não, antijudaicas. Alguns exemplos do livro *As melhores piadas do humor judaico*:

Diálogo ouvido na Rússia estalinista:

– Por que Isaac Bronstein foi condenado a 20 anos de prisão?

– Porque chamou o secretário do partido de idiota: cinco por ofensa e quinze por tornar público um segredo de Estado.

Um agente da KGB vê um judeu estudando hebraico em uma praça de Moscou e lhe pergunta:

– Para que estudar essa língua, judeu, se você sabe muito bem que não o deixaremos ir para Israel?

– É para o caso de se falar hebraico no paraíso; quando chegar lá, quero dominar o idioma local.

– E quem te garante que você vai para o paraíso?

– Ninguém me garante, mas, se eu for para o inferno, russo já sei falar!

Uma senhora nazista, em 1942, entra num açougue em Munique, olha em volta com desconfiança e dirige-se ao açougueiro:

– Este é um açougue alemão ou é misturado com coisas de judeus?

– Ora, minha senhora! É um açougue alemão puro! Aqui só se encontram porcos! (ZYLBERSZTAIN, 2001, p.132-133).

Esses exemplos ilustram bem o que foi dito mais acima sobre a agressividade direcionada ao algoz, e os dois primeiros são fáceis de serem compreendidos. Porém, o último deles, sobre o açougue, se destaca pela quantidade de metáforas implícitas: a primeira impressão é de que o açougueiro está chamando os alemães de porcos, justamente o xingamento dado aos judeus na época do nazismo. Depois diz que “aqui só se encontram porcos”, dando a entender que os judeus não comem carne de porco. Por isso, se um açougue vende porco é porque é um estabelecimento alemão. Em terceiro lugar, “aqui só se encontram porcos” pode fazer referência tam-

bém aos que frequentam o local, pois se é um comércio alemão em plena guerra, só os porcos alemães podem estar lá, já que em 1942 os judeus estavam nos campos de concentração ou em locais ainda piores.

Assim, a pluralidade de significados de algumas narrativas permite um desdobramento muito maior do que a interpretação mais óbvia. Essa variedade de metáforas na mesma fonte é vista melhor quando está escrita, pois quando falada a rapidez da fala e elaboração do ouvinte podem deixar passar as sutilezas que precisam de algum tempo para serem desvendadas.

O tipo de agressão presente no humor judaico tem um direcionamento bastante específico, e não a crítica pela crítica. A necessidade de atingir alguém ou alguma instituição adversária não é um mero prazer sádico, e sim uma espécie conforto dado ao ego. É como a frase que já virou ditado popular – “rir para não chorar”. Ela sintetiza as características do anedotário judaico, altamente hostil. “Rir para não chorar” representa um humor que não faz gargalhar e é, também, o “humor do sorriso entre lágrimas”, como diz Freud. Portanto, as piadas hostis feitas pelo povo judeu têm a função de gerar um prazer reconfortante e um afago ao ego, tantas vezes abalado pelos muitos tiranos ao longo das gerações. E como já foi dito anteriormente, esse prazer obtido com a agressão oriunda de uma piada não é um exclusivo do humor judaico, é algo também visto entre as variadas formas de humor, uma vez que essa capacidade de transformar um evento doloroso em risível é própria do homem, judeu ou não.

Ainda em relação aos algozes, mesmo aqueles que não agridem fisicamente, pode-se citar a atuação de alguns meios de comunicação que fazem uso irrestrito, embora velado, de antissemitismo.

Um homem viu um cão *pitbull* atacando uma criança. Ele matou o *pitbull* e salvou a vida da criança. Os repórteres cercaram o rapaz: “Diga-nos o seu nome! Toda Paris vai te amar! A manchete de amanhã será: ‘Parisiense salva garota de cão raivoso’”.

O homem disse: “Mas eu não sou de Paris”.

Repórteres: “Está bem! Toda França vai te amar!”

A manchete de amanhã: ‘Francês salva garota de cão raivoso’”.

O homem: “Eu não sou francês também”.

Repórteres: “Está bem! Toda Europa irá se apaixonar! A manchete de amanhã: ‘Europeu salva garota de cão raivoso’”.

O homem: “Eu não sou da Europa também”.

Repórteres: Então, de onde você é?

Ele disse: “Eu sou de Israel”.

Repórteres: “Ok. A manchete de amanhã será: ‘Israelense raivoso mata cachorro indefeso de garota’”.

O exemplo acima ilustra a necessidade de rebater as constantes críticas contra Israel, e o faz com a acidez necessária. Outro ponto a ser observado no exemplo é a questão da autoria. Essa piada é mais uma das que não têm autoria conhecida, portanto não há como citar uma referência bibliográfica da fonte. O fato de não haver autor acontece com a maioria das piadas, judaicas ou não, pois elas simplesmente circulam – rondam as conversas, os *shows* de humor, os livros e até mesmo a internet. Mas, ainda assim, sabe-se que as narrativas foram construídas por alguém e, depois, transmitidas socialmente. Então, mesmo sem uma identificação individual do autor, as piadas judaicas têm uma espécie de autoria, que se funda na repetição e na validação delas por meio do povo judeu. É como se não fosse uma narrativa criada e propagada por uma só pessoa, mas sim por todos aqueles que com-

pactam com o gesto social que o emprego dessas narrativas denota. Mesmo que não se saiba de onde essas piadas vêm, sabe-se que elas foram aceitas, incorporadas e repassadas ao povo, de forma oral ou através de livros de anedotas e outros meios de comunicação. Esse processo também ocorre com as narrativas que circulam sobre os líderes de governo, sobre algum esportista ou pessoa em evidência na mídia. Esse modo de propagação não é exclusivo do humor judaico e, ao que parece, quem reproduz uma narrativa aceita seu conteúdo e se torna automaticamente um coautor da história, além de ser um novo receptor do prazer humorístico gerado por ela.

Para ilustrar essa questão da autoria das piadas, segue mais um exemplo de *As melhores piadas do humor judaico*:

Hitler, nos primeiros meses no poder, já estava furioso de ouvir tantas piadas a seu respeito; resolveu descobrir quem era o autor. Para isso, pôs em ação seu serviço de espionagem, que logo descobriu ser Jacó Bronstein o responsável pelas calúnias. Jacó foi imediatamente encarcerado e submetido a interrogatórios pelo próprio Hitler. Disse-lhe este:

– Como você, judeu, ousa fazer piadas a meu respeito? Eu sou o chefe supremo do Terceiro Reich, o dirigente máximo de milhões de alemães!
– Esta piada não fui eu que inventei! (ZYLBERSZTAJN, 2001, p.133-134).

E agora, voltando ao tema dos algozes, seguem mais exemplos vistos em *As melhores piadas do humor judaico*:

Hitler visita uma escola primária e dirige-se a uma menina:
– Quem é seu pai?

– O führer, Adolph Hitler!
– Muito bem. E a sua mãe?
– A Alemanha nazista.
– Ótimo! E o que você gostaria de ser?
– Órfã!

Um policial nazista vê um judeu sentado em um banco no parque e se dirige a ele:

– Seu judeu imundo! Não sabe ler?
– Sei, sim senhor.
– E não viu que a placa dizia: “Proibida a entrada de cachorros e judeus”?
– De fato, eu vi, mas como o senhor também entrou...

Goebbels, vítima de uma terrível enxaqueca, manda chamar escondido um médico judeu. Este, após examiná-lo, receita-lhe água fria.

– Como devo proceder?
– Consiga uma bacia de água fria, mergulhe a cabeça três vezes e retire-a só duas.

Numa recepção, quando se conversava sobre viagens, diz o antissemita, sem saber que o convidado principal era judeu:

– Adorei o Alasca. Não vi por lá nem um judeu e nem um porco!

Ao que, em meio ao embaraço geral, responde-lhe polidamente o judeu:

– Se tivéssemos ido juntos ao Alasca, teria sido diferente (ZYLBERSZTAJN, 2001, p. 135-137).

Com esses exemplos em vista, nota-se que o humor judaico pode ser tão agressivo quanto as demais formas de humor, porém os conteúdos abordados continuam em torno das temáticas que fazem parte do povo judeu. Mesmo ao tratar a tirania imposta ao povo, ainda assim se fala especificamente do povo judeu, e não do sofrimento vivido por ou-

tros grupos. Com isso, autocrítica e autorreferência se alternam e se misturam na constituição do humor judaico, privilegiando a reflexão sobre o que é ser judeu: por meio das narrativas humorísticas, as características do povo se destacam, e isso inclui seus aspectos positivos, negativos e o seu modo de vida ao longo das gerações.

Conclusão

O estudo do humor judaico oferece a compreensão sobre um hábito comunitário muito presente, mas que nem sempre foi trabalhado. Outros autores brasileiros, tais como Renato Mezan (2003), Moacyr Scliar (2000) e Betty Fuks (2000), têm se ocupado do tema com bastante seriedade – tanto do humor judaico, quanto do judaísmo. Ao que parece, atualmente há uma abertura aos estudos da religião no ambiente acadêmico, mostrando que há interesse por parte do pesquisador, como também do leitor.

Espera-se que essa busca pelo aprofundamento no estudo de aspectos da religião seja contínua e sempre benéfica, de modo a promover o debate e novas significações. Para o judaísmo, esse processo de desnudamento da identidade é positivo e provavelmente continuará sendo, porque rir de si mesmo já é um bom começo para qualquer reflexão.

NOTAS

1 Este artigo tem como base a dissertação da autora, intitulada *Rir para não chorar: análise e autocrítica no humor judaico*, defendida e aprovada em 2008 no Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP, sob a orientação do professor doutor Zeferino Rocha.

2 No judaísmo, escreve-se D'us sem a vogal e, para que a

palavra fique incompleta. O nome completo surge apenas em rituais litúrgicos ou em textos sagrados.

3 Os chistes se diferenciam das anedotas e piadas por possuir uma formulação inconsciente. O chiste é uma elaboração rápida, de poucas palavras, que surge espontaneamente em meio a um diálogo. Já as anedotas e piadas têm significados semelhantes: são narrativas que se repetem e não exigem o elemento surpresa presente nos chistes. O anedotário judaico é composto por piadas, pois uma coletânea de narrativas não abrange construções inconscientes originais, uma vez que já estão escritas e propagadas. Freud diferencia os termos no texto de 1905, porém, em vários momentos, usa a palavra *chiste* de maneira genérica, para chistes e piadas.

REFERÊNCIAS

- BEIT CHABAD. A mulher no judaísmo. Disponível em: www.chabad.org.br/INTERATIVO/FAQ/mulher_judaismo.html. Acessado em 24.nov. 2009a.
- _____. Mulher. Disponível em: www.chabad.org.br/interativo/faq/mulher_mitsvot.html. Acessado em 24.nov. 2009b.
- FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Trad.: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976 [1905].
- FUKS, Betty Bernardo. *Freud e a judeidade: a vocação do exílio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- MEZAN, Renato. "Humor judaico: sublimação ou defesa?" in FRANÇA, Maria Olympia A. F. (org.). *Freud, a cultura judaica e a modernidade*. São Paulo: Senac, 2003, p.133-152.
- SCLIAR, Moacyr. *Meu filho, o doutor: medicina e judaísmo na história, na literatura e no humor*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SPALDING, Henry. *Enciclopédia do humor judaico: dos tempos bíblicos à era moderna*. 2 ed. São Paulo: Sêfer, 2001.
- ZYLBERSTAJN, Abram. *As melhores piadas do humor judaico*. 4 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.